

AVTIMA DA VTIMA: QUESTÕES DE SUBALTERNIZAÇÃO EM O DIÁRIO DA QUEDA

Renata Cristine Gomes de Souza (UFF)
Orientadora: Renata Flavia da Silva (UFF)

Resumo: No romance *O diário da queda*, de Michel Laub, a diferença cultural aparece como uma forma de trazer para a literatura visibilidade para os que se encontram nas margens. Por mais que esse romance traga um novo lugar de fala, essa nova abertura também pertence a uma nova elite. A partir do romance, vemos que essa voz que quem ali se manifesta, embora seja de um grupo que se encontra nas margens, faz parte de uma nova elite, e como todo grupo que ascende, passa a oprimir quem pertence a algum grupo mais periférico. Essas relações são dadas no ambiente escolar e são marcadas por determinismo social, que é preponderante na construção da identidade dos personagens. A análise desse fato social no romance, será feita a partir de estudos que tratam de classe, identidade, subalternização e memória, através dos estudos de Tzvetan Todorov, Linda Hutcheon, Julia Kristeva, Edward Said e Gayatri Spivak.

Palavras-chave: Subalternização. Preconceito de Classe. Judeu.

Novas e velhas margens

A literatura pós-moderna abre diferentes caminhos no fazer literário ao ocupar novos espaços e ao veicular uma gama de discursos que, até então, não tinham visibilidade. Uma das estratégias de composição, que se dá nesse novo momento, se distingue por trazer novas vozes de enunciação para arte. A tendência que a literatura contemporânea tem de lidar com a crise se manifesta a partir da possibilidade de descortinarmos novas identidades, o que reflete nas histórias contadas, nos lugares onde se passam as ações, na construção identitária dos personagens, e, em tantos outros elementos constitutivos da narrativa.

Tem-se na literatura pós-moderna uma gama de escritores que falam de a partir de lugares periféricos e/ou pertencentes às novas elites, que foram construídas por pessoas que pertenciam às antigas margens – ou margens que ainda existem, mas estão

em um processo de aproximação do seu “lugar social” – ou por simpatizantes e estudiosos dos discursos dessas margens. Parte desses escritores advém de países ou regiões periféricas ou pertencem a povos historicamente subalternizados, nesse grupo de escritores encaixamos o escritor do qual aqui pretendemos tratar Michel Laub, que nesse romance com um tom biográfico, trata das gerações seguintes da geração dos judeus que sobreviveram ao holocausto.

No contemporâneo não só vemos essa aparição crescente de novas vozes de enunciação, como também vemos que a ambientação da história se desloca do centro, ou seja, não se trata somente das elites burguesas e de seus problemas, mas de outros espaços sociais. Já agora os grupos minoritários têm mais representatividade, e isso faz com que a arte traga questões sociais e subjetivas decorrentes de seu lugar social. Segundo Stuart Hall, “parece então que a globalização tem, sim o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas” (HALL, 2011 p.51). A literatura é muito atuante nesse deslocamento, pois trazendo para arte os discursos das minorias, eles passam a ter mais legitimidade nas esferas intelectuais e na vida em sociedade.

A necessidade de fazer com que a literatura não conte apenas uma história única se faz presente, assim há uma ebulição das narrativas dos vencidos e dos ex-cêntricos. Na prosa, o protagonista se reconfigura e sujeitos construídos a partir das identidades subalternizadas passam a figurar os papéis centrais nas narrativas. A respeito disso Linda Hutcheon afirma:

A arte e a teoria pós-modernistas têm reconhecido de forma autoconsciente seu posicionamento ideológico no mundo, e têm sido estimulada a fazê-lo, não apenas como reação a essa insultuosa acusação de trivialidade, mas também por aqueles ex-cêntricos, que antes eram silenciados, tanto os de fora (pós-colonial) como os de dentro(...). (HUTCHEON 1991, p.228)

Ao mesmo passo que a pós-modernidade dá voz às diversas identidades, ela provoca um “alargamento no campo das identidades e uma proliferação de novas posições de identidade, juntamente com um aumento da polarização entre elas” (HALL, 2011, p. 50). Apesar de se trazer novos lugares de fala, o pós-modernismo cria outras formas de centralização, e com isso algumas minorias continuam sendo excluídas das narrativas aclamadas pela academia. Enquanto a mulher, o estrangeiro, todos de classe média/alta, passam a figurar os romances — aclamados pela academia —, há alguns personagens que, mesmo participando de uma narrativa na qual se trata de exclusão e alteridade, permanecem no lugar de subalternidade.

Na literatura brasileira alguns romances trarão personagens oprimidos que farão uma reprodução da opressão, a qual ele também sofreu – ou sofre. Já aqui, temos o sujeito das margens com a fala central, mas este ainda goza de um poder subalterniza algum outro que se encontra em algum lugar de inferioridade ao seu.

No presente trabalho pretendemos analisar como essa reprodução da opressão se dá no romance *O Diário da Queda*, que tem como personagem central um descendente de estrangeiro judeu. Assim trataremos dessa relação de dualidade, na qual o protagonista atua, ao mesmo tempo, como oprimido e opressor. Para tal, utilizaremos o termo *vítima da vítima*, utilizado por Edward Said, em uma entrevista concedida no ano de 2003. O estudioso utilizou esse termo para descrever a relação entre judeus e palestinos em Israel. Vejamos o que diz Said sobre essa condição:

Nosso embate, por outro lado, é com os judeus da Europa, um povo trágico que chegou ao Oriente Médio carregando o velho fardo do anti-semitismo e um crédito moral em relação ao Ocidente, empenhado em compensá-los depois do holocausto. Nós somos vítimas das vítimas, e essa é uma posição muito difícil. (SAID, 2003, s/p)

Temos assim essa relação que traz uma dualidade, no qual uma pessoa que tem a história do seu povo, ou sua própria história marcada por algum tipo de opressão passa a oprimir um outro, que se encontra em um lugar de subalternidade ainda maior. Aqui tentaremos pautar como, no romance, a motivação dessa opressão é trabalhada no desenvolver da narrativa. Para tal, deveremos pensar em como a memória do passado e o tratamento dele, a consciência de classe, as contradições ideológicas e o separatismo, social, religioso e cultural são basilares no que diz respeito a essas relações.

O outro do outro

O romance estudado trata, entre outros pontos, de questões como a alteridade, religião, a composição e a fala do excluído, sempre tendo em voga em os silenciamentos familiares e inacessibilidade da memória. *O diário da queda*, de Michel Laub tem como personagem principal um escritor de meia idade judeu, gaúcho, neto de um polonês, que esteve em Auchvitz. Em seu diário, ele rememora o passado de sua família para entender a si próprio. Analisaremos aqui relações que se dão na infância do narrador. Teremos como tema central a relação do narrador, os garotos das escolas com seu colega góí, João.

A memória aparece como um dado importante na narrativa, e mais que isso, ela aparece como uma das grandes construtoras da identidade do protagonista. É também é o peso dessa memória que reverberará quando se trata de algumas relações que ele constrói.

A memória dos sofrimentos passados de seu avô não haviam sido discutidos pelo pai e o avô, que tinham uma relação que era preenchida pelos silêncios. Aquilo que nunca é mencionado, se cristaliza como uma pedra que altera o modo de vida das gerações futuras. O narrador vive com os impactos que os silêncios do seu avô, que encerrados em um caderno de notas, trouxeram para a vida do pai, que fala

excessivamente sobre o holocausto – ele sacraliza uma memória a qual não teve acesso. Essas lembranças do sofrimento de seu povo são trazidas, mas nada que envolva a história da família é mencionado, fazendo com que ela permaneça inacessível:

A memória não é nem boa nem má. Os benefícios que se espera extrair dela podem ser neutralizados e até desvirtuados. De que maneira? Primeiro, pela forma que nossas reminiscências assumem, navegando constantemente entre dois escolhos complementares: a *sacralização*, ou o isolamento radical da lembrança, e *banalização*, ou assimilação abusiva do presente ao passado. A sacralização de um acontecimento passado não se confunde com a afirmação da singularidade dele. (TODOROV, 2002 p. 191)

Sacralizar o aniquilamento de seu povo é sem dúvida uma atitude desconcertante; mas, além disso, essa nova equivalência – entre sagrado e específico – está longe de explicar-se por si mesma. Por princípio, a sacralização é um entrincheiramento, um afastamento, uma proibição de tocar. (...) A especificidade não separa um acontecimento dos outros, sim o liga a eles. (TODOROV, 2002 p. 192).

A busca desse passado que nunca é retomada é preenchida por um sentimento de pertença, desse modo há a formação de uma comunidade ali. Essa sacralização e a busca ao passado faz com que em um novo lugar, nesse caso Porto Alegre, a comunidade que tem esse passado em comum passe a se fechar e a compartilhar uma vida com outros que tem a mesma herança cultural. Isso torna esses sujeitos entrincheirados, pois eles passam a criar ambientes nos quais apenas compartilham da companhia de seus iguais.

Essa diferenciação, que se faz de si, provoca um insulamento desses grupos, que desse modo, acentuam uma imagem da diferença. A criação desses pequenos nichos são a forma mais segura do estrangeiro se estabelecer na sociedade que o inferioriza. Do mesmo modo que os habitantes locais criam grupos de socialização, o estrangeiro

também o fará e nesses grupos só quem tem esse passo em comum seja bem vindo. Mas essa diferenciação que é reafirmada pela conduta do sujeito local e a do estrangeiro, fazem com que o ódio perpassasse essas relações. Sobre essa experiência do estrangeiro, na qual viver o ódio é uma arma de medo e defesa, Kristeva afirma:

“Viver o ódio”. Frequentemente o estrangeiro formula assim a sua existência, mas o duplo sentido da expressão não lhe escapa. Sentir constantemente o ódio dos outros, não ter outro meio social, senão aquele ódio. (...) O ódio o torna real, autentico de alguma forma, sólido, ou, simplesmente, vivo. Mais ainda: ele faz ressoar no exterior um outro ódio. (KRISTEVA, p. 21)

Subalternizar um outro, que se encontra em uma posição social ainda menor que a sua, é uma forma de viver esse ódio. Esse estrangeiro, que deveria olhar para as outras minorias com igualdade, passa a ser o agente da opressão quando se vê de frente a um outro, pertencente a uma minoria. Isso acontece como uma forma de vingança, como aponta Tzvetan Todorov, o oprimido, tendo como justificativa o sofrimento do seu povo, gera uma nova opressão, como se tudo ocorresse como uma reação em cadeia. Todorov afirma que:

Na vingança, uma violência nova responde à violência antiga, a ponto de provocar uma futura violência de compensação: o mal aumenta, em vez de diminuir. (...) O ato de vingança tem mais um inconveniente: alivia o indivíduo que o executa de consciência limpa, e nunca permite interrogar-se sobre o mal que está nele. (TODOROV, 2002 p. 202)

Subalternizar aquele outro, que já é rechaçado pelo resto da sociedade é o movimento comum. Ainda mais, pensando que esses personagens, que por mais que estejam nas margens, em razão de sua estrangeiridade, fazem parte da burguesia. A família do narrador se dedicada ao comércio e tem poder econômico. Logo, por mais

que eles estivessem em um polo contrário da classe média local, por não se encaixarem culturalmente, eles ainda se encontravam enquanto classe.

Kristeva afirma que “Viver com o outro, o estrangeiro, confronta-nos com a possibilidade ou não de ser um outro” (KRISTEVA, p.21). O que acontece com esses personagens, quando se refere ao status de classe que o poder financeiro lhes confere, é quase isso. Ao reconhecer-se como financeiramente superior a uma parcela da sociedade, eles passam enxergar o nativo pobre como alguém menor. Dessa forma eles já não são o outro, através de um viés de classe, eles fazem parte do grupo privilegiado. Com a ajuda desse recorte de classe, o estrangeiro em algum momento se sente “um igual” na sociedade. É o poder financeiro que faz com que esses estrangeiros possam ser inseridos num grupo de privilégios.

Os fatos que envolvem a relação de João e o narrador se dão durante a pré-adolescência e adolescência do narrador, e os papéis de opressor e oprimido são alternados. A primeira parte do romance se encarrega desse testemunho, que se alterna com as vivências do narrador quando adolescente e que aparece na segunda parte do romance como uma forma de questionamento do mal.

João, o colega do narrador, é pobre e góí. Em um colégio de classe média judaico, o jogo de exclusão se inverte. O judeu que anteriormente era excluído, agora exclui. Temos um personagem pobre, inserido em um ambiente em que os seus demais se juntam em uma comunidade fechada. João estuda em um colégio para crianças judias ricas. A opressão acompanha o dia a dia do personagem que não se enquadra naquele colégio, e onde qualquer diferença é marcada com violências físicas ou morais. João, aluno bolsista, é excluído naquele grupo por duas razões basilares: é pobre e não é judeu. Ali ele é o estrangeiro.

“A música começava assim, come areia, come areia. Era como um ritual, o incentivo enquanto João virava o rosto e tentava escapar dos golpes até não resistir e abrir a boca, gosto quente e áspero, sola de tênis na cara.” (LAUB, p.20). Esse ato, aqui

exposto, mostra como a violência se transformou na forma que alguns alunos usavam pra mostrar a sua supremacia naquela escola. Em um mundo em que ser judeu é estar à margem, constrói-se ali um lugar em que a superioridade é comprovada pelo sentimento de pertencimento cultural e econômico.

A opressão, a qual João está exposto, chega ao seu limite quando tenta se encaixar nessa comidade. É nessa tentativa de se aproximar dos colegas judeus que essa diferença se torna mais visível, como podemos ver no trecho a seguir:

A festa em que isso aconteceu não foi num hotel de luxo, e sim num salão de festas, um prédio que não tinha elevador nem porteiro porque o aniversariante era bolsista e filho de um cobrador de ônibus que já tinha sido visto vendendo algodão doce no parque. O aniversariante não ficava em recuperação em nenhuma disciplina, nunca tinha ido a uma festa, não havia participado de nenhum quebra-quebra na biblioteca (...). (...) Uma escola judaica, pelo menos em uma escola como a nossa, em que alguns alunos chegam de motorista, outros passam anos sendo ridicularizados, um deles com merenda cuspidada todos os dias, outro trancado na casa de máquina a cada recreio, e o colega que se machucou no aniversário já havia sofrido com isso, nos anos anteriores ele foi repentinamente enterrado na areia – uma escola judaica é mais ou menos como qualquer outra. A diferença é que você passa a infância ouvindo falar de antissemitismo: há professores que se dedicam exclusivamente a isso, a uma explicação para as atrocidades cometidas pelos nazistas (...) uma espiral de ódio fundada na inveja da inteligência, da força de vontade, da cultura e da riqueza que os judeus criaram apesar de todos esses obstáculos. (LUAB, p. 12-13)

Esse trecho do romance expõe todas as contradições que os mal tratos aos quais João é submetido. É através de um discurso de afirmação, de fortalecimento da cultura judaica e do conhecimento do sofrimento de seus antepassados que há uma sacralização da memória por parte dos alunos, que não viveram da experiência, mas se valem desse discurso para se sentirem “maiores”. Todo o discurso debatido na escola, em vez de

tornar os alunos conscientes de que a opressão pode fazer com o povo, gera nos alunos um sentimento de superioridade. E junto com esse sentimento, vem o ódio nas relações com o outro, como anteriormente vimos na fala de Kristeva.

A relação subalternizador-subalternizado se inverte quando o narrador vai pra um outro colégio, no qual ser judeu é ser diferente. É assim que essa contradição dada por essas opressões ficam mais visíveis na narrativa. A relação entre subalternizado e subalternizador parece não ter um fim marcado, mas só uma mudança de quadro devido quem se encontra em uma situação mais alta numa escala de poder social.

Por fim, podemos concluir ser estrangeiro numa sociedade que “produz estrangeiros” é incorrer no risco de repetir esses padrões que beiram ou ultrapassa as opressões por eles conhecidas. A literatura trata desse movimento e expõe as contradições dessas relações tão reais e tão definidoras das identidades sociais.

Referências

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 10ª ed.. Rio da Janeiro: DP&A, 2005.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós modernismo**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos: estratégia, poder-saber**. Tradução Vera Lucia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital**. Tradução de Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAUB, Michel. **Diário da vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François et al. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem: indagações sobre o século XX**. Tradução Joana Angélica D'Ávila. São Paulo: Arx, 2002.